



O PESCADOR ESPERA O SOL CAIR PARA, AO MESMO TEMPO, APRECIAR AS MUDANÇAS NAS CORES DO CÉU E FAZER O BALANÇO DO DIA. O LAGO PARANOÁ NÃO É MAIS UMA BANHEIRA DE PIABAS E CARPAS E A CADA DIA SURPREENDE AS PESSOAS

DF - Lago Paranoá

TEM PEIXE GRANDE NA REDE

Surubins, lambaris, matrinxãs, acarás, curimatãs. Há deles em abundância no Lago Paranoá. As tilápias representavam 85% e hoje são apenas 21% do total das espécies ali encontradas



CAROLINA CARABALLO
DA EQUIPE DO CORREIO

Faltavam poucos minutos para o sol se pôr. Cansado depois de um longo dia no Lago Paranoá, o pescador Geraldo Ângelo Figueiredo, 40 anos, decidiu levar o barco até a margem e encerrar o trabalho. Antes, porém, jogou a tarrafa na água pela última vez. Quem sabe não pegaria um peixe maior do que as habituais tilápias? O peso que sentiu ao puxar a rede dava indicações de a sua sorte mudar. Um surubim cachara de 8kg estava preso à velha rede de pescar. Foi na sexta-feira 14 deste mês.

O feito de Geraldo parece ter saído de uma daquelas histórias de pescador. De cinco anos para cá, no entanto, a fauna do Lago Paranoá está mais variada. Pode-se encontrar lambari, matrinxã, acará, curimatã e o próprio surubim, peixes que nunca tiveram a chance de sobreviver em águas poluídas e dominadas por espécies exóticas. Na criação do Paranoá, no início da década de 60, a tilápia do Nilo, a tilápia do Congo e a carpa comum – todas trazidas de fora de Brasília – foram usadas para povoar o lago. Na época, os técnicos não sabiam que o trio causaria impacto na vida dos peixes nativos, vindos dos córregos da região.

O biólogo Fernando Starling, assessor especial para o Manejo da Bacia do Lago Paranoá da Companhia de Saneamento Ambiental do Distrito Federal (Caesb), explica que tilápias e carpas foram usadas para povoar o lago por serem espécies rústicas, que se adaptam facilmente a qualquer ambiente e comem de tudo. Porém, tanto no Paranoá como em qualquer outro lago, elas podem virar pragas. “Para esses peixes, água poluída é sinônimo de maior oferta de alimento”, informa Fernando. “Quando o lago apresentava índice máximo de poluição, as águas abrigavam uma quantidade máxima de tilápias e carpas.” O resultado da superpopulação pôde ser visto em 1997 – a

Iano Andrade/CB/20.9.05



NUMA SÓ LANÇADA DE REDE, UM CARDUME É DESPEJADO NA CANOA

quantidade de oxigênio na água caiu muito durante o inverno e provocou mortalidade maciça da fauna do lago.

A despoluição do lago, que começou a ser feita em 1997, colaborou para reduzir a quantidade de tilápias e carpas. Para intensificar o processo, a Caesb liberou a pesca profissional no Paranoá em 2002. Cerca de 60 pescadores trabalhavam no lago com tarrafa, uma rede redonda que, ao ser jogada na água, assume o formato de um guarda-chuva. “Quando a tarrafa bate na superfície na água, atraindo as espécies que se alimentam de qualquer coisa”, explica Fernando. “Por isso, quase

96% dos peixes capturados com essa técnica são tilápias ou carpas.”

O surubim de Geraldo é o reflexo da variedade de peixes que passou a povoar o lago. O pescador conta que em seis anos de trabalho em Brasília já pegou dois tambaquis, alguns curimatãs e outros piaus nas águas do Paranoá. Segundo dados da Caesb, em 1998 as tilápias nilóticas representavam 85% dos peixes do lago. Estudos realizados há dois anos apontam que o índice caiu para 21,6%. Geraldo ressalta, porém, que a espécie ainda prevalece na tarrafa. “O governo deveria colocar outros tipos de

Iano Andrade/CB/19.7.06



JOÃO HENRIQUE: 17 ANOS DE EXPERIÊNCIA À MARGEM DO LAGO

peixes no lago. A venda da tilápia é muito boa, mas gostaria de pescar uns grandes por aqui”, sugere.

Menos peixe

A paixão pela pescaria fez do servidor público João Henrique Maciel, 48 anos, frequentador assíduo do Lago Paranoá. Há 17 anos, o homem dirige da Octogonal até a margem próxima à ponte do Bragueto, no Lago Norte, para relaxar às voltas com varas e iscas. “Aqui mesmo eu pesquei uma traíra de três quilos e meio”, gaba-se João. “É um dia pesquei até um pintado, peixe raro aqui no lago Para-

noá.” Para mostrar que o discurso não é invenção de pescador veterano, ele pescou uma carpa prateada de 2kg na última quarta-feira. “O pescador amador se diverte por aqui”, avalia.

Adepto de uma boa luta com anzol e vara de pescar, o servidor público Jorge Paiva, 51 anos, não vê mais graça em arrancar tilápias do Paranoá. Gosta mesmo é de brigar com tucunarés, peixe difícil de ser enganado pela isca. “O segredo é usar massa produzida com farinha de mandioca”, revela Jorge, morador da Vila Planalto. Com habilidade, o pescador ajeita a maçaroca amarela ao redor de cinco anzóis, garantia de que a esperteza do tucunaré não o livrará da vara. “É bom poder pescar o tucunaré aqui em Brasília. Mato a saudade da minha terra natal, Roraima”, conta.

A diversidade de peixes do Lago Paranoá não agrada apenas os pescadores. De acordo com o especialista em genética ambiental da Universidade de Brasília (UnB), César Grisólia, o meio ambiente também agradece pela variedade. “É preciso manter a cadeia ecológica em funcionamento. Um lago precisa ter peixes carnívoros, como o tucunaré; peixes de sedimento, como o bagre; peixes algívoros (que se alimentam de alga), como as carpas”, afirma. “A vida de cada um desses animais depende de outro.”

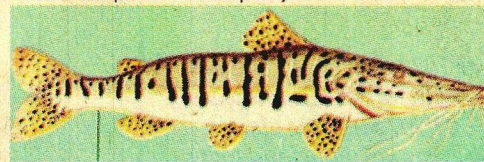
A despoluição e a pesca profissional ajudaram a reduzir o número de peixes exóticos, mas também provocaram uma diminuição geral da fauna do lago. Há oito anos, o estoque pesqueiro do Paranoá era estimado em 1.400 toneladas. Em 2002, estima-se que a quantidade tenha diminuído em 40% a 50%, algo entre 700 e 800 toneladas. O número se reflete na pesca. De 1995 a 1998, os pescadores pegavam de 20kg a 30kg de peixe por hora. Atualmente, eles não pegam mais do que 15kg no mesmo período. A despoluição pode ter prejudicado os pescadores, mas permitiu que o lago fosse usado para o lazer e o esporte.

Ministério do Esporte e Turismo/Reprodução



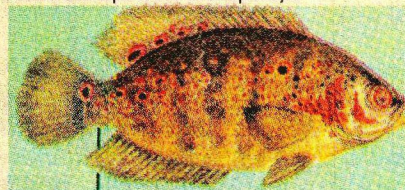
LAMBARI

Ministério do Esporte e Turismo/Reprodução



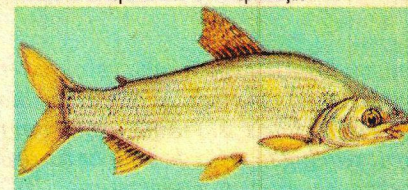
SURUBIM

Ministério do Esporte e Turismo/Reprodução



ACARÁ-AÇU
(TAMBÉM CONHECIDO COMO APAIARI)

Ministério do Esporte e Turismo/Reprodução



CURIMATÃ